

MEMÓRIAS E NARRATIVAS DE ITINERANTES
RUMO A POXORÉO - MATO GROSSO.
(Primeira metade do século XX)

Nileide Souza Dourado

Núcleo de Documentação Informação
Histórica Regional - NDIHR/ UFMT¹

Ao iniciar algumas considerações sobre a trilha da memória e lembranças das trajetórias, alguns migrantes contam sobre as múltiplas formas da viagem, quando destacam que era comum, principalmente entres os baianos, partirem em grandes grupos, em caravanas², que se reuniam para atravessar os longos caminhos, os diversos desvios; outros relatam que vieram em grupos menores, compostos de solteiros, os escoteiros; outros se deslocaram apenas com a família; e existem ainda aqueles que viajaram sozinhos.

Na busca do lugar, homens e mulheres deslocavam-se utilizando diversos meios: no lombo de burro, cavalo, caminhão e barco, além dos que relatam que vieram a pé. Outros há que perderam seus animais, extenuados pela longa viagem, e tiveram que vencer os caminhos a pé até a chegada em outros lugares ou até Poxoréo- Mato Grosso³.

É nesse cenário que se pode estabelecer uma reflexão entre a força dos significados socialmente definidos e que são registrados cotidianamente na memória e, em outros momentos, a forma como o acontecimento histórico vivido se constitui em um território de experiências transcendendo ao socialmente estabelecido. E, de acordo com aos testemunhos orais, muitos saíram das suas terras ou somente dos seus trabalhos, de suas regiões, como as do sertão baiano, agreste cearense, interior de Goiás e de outras localidades brasileiras, em busca de sobrevivência para seus familiares.

Ao rememorem suas histórias, os depoentes, apontam as dificuldades que enfrentavam em sua região: por ocasião das secas, pela falta de trabalho, dos conflitos vividos com a presença dos revoltosos⁴, pela ausência de escolas para a educação dos filhos, pela vida de suplício e de agonia.

Na organização dessas viagens, era fundamental contar com as tropas de burro. Essas tropas garantiam a estrutura da viagem, pois além de serem animais resistentes também se adequavam às condições da região. Por outro lado, esse animal possui função simbólica para o homem nordestino, pois, como signo, não poderia ficar fora desta aventura. A representação simbólica do burro/jumento para o imaginário humano remonta a tempos imemoriais.

O seu uso como animal de carga, na lavoura e também como animal de sela se deve à sua condição de ser altamente rústico, resistente e extremamente adaptado às condições adversas do trópico semi-árido.

Simbolicamente é o animal que conduz ao triunfo. Aludindo ao imaginário judaico - cristão, o jumento é coadjuvante em várias passagens bíblicas, tanto no Novo como no Velho Testamento. Uma das passagens bíblicas mais radicais é a que trata do encontro de Balaão e sua jumenta com o anjo do Senhor, no livro de *Números* (22:21-30), em que o texto fala da ira de Deus contra Balaão e manda o seu anjo matá - lo, e por três vezes a jumenta o salva: “A jumenta viu o Anjo do Senhor parado no caminho com sua espada desembainhada na mão e desviando do caminho, meteu-se pelos campos”.

Diante disso, o homem carrega essa imagem simbólica do jumento, aquele que sabe o caminho, que conduz com segurança e triunfo ao lugar da coroação, como um modelo daquilo que o ser humano não pode vir a esquecer; essa representação diz respeito à experiência humana com o sagrado. Assim, a imagem do jumento está imbuída de uma profunda significação.

Com relação à representação, o jumento apresenta-se como uma possibilidade de conceber, conhecer e comunicar-se com esse universo sagrado que é muito forte e presente no imaginário da humanidade, uma vez que o

sentido aparece sempre como uma fonte de algo novo, de vida nova, e por outro lado assegura sua continuação. Pois, segundo Falcon, “as representações sociais (ou imaginário coletivo) são freqüentemente expressas (ou mesmo materializadas) através de signos, sinais, emblemas e símbolos”⁵. Assim, o jumento é, para os nordestinos, um signo, uma representação⁶.

As caravanas eram guiadas por homens responsáveis por essa tarefa, que as conduziam a pé e cuidavam de outras tarefas, mas havia também a mula madrinha, um animal manso, velho e experiente, que era colocada à frente como líder das demais. Segundo os narradores, a mula madrinha era toda enfeitada e guiava essas caravanas triunfalmente rumo aos lugares.

O entendimento sobre caravana ganha também sentido de organização, conforme bem representa o comentário a seguir, de D. Esmeraldina, que veio para Mato Grosso em 1940, aos 17 anos de idade, com sua família, para trabalhar na lavoura. Atualmente reside em Poxoréo. Sentada em sua cadeira de balanço e cercada de objetos e memórias – fotografias de família, imagens e objetos artesanais do seu local de origem – ela relata:

Na organização da viagem, cada família, levava seus animais de carga com os seus pertences(...) era comum, para viajar comprava-se muita carne e salgava, ainda colocava na bagagem rapadura e farinha, e assim, viajava o tempo todo, o dia que chegava no pouso mais cedo, dava tempo de fazer arroz e refogado de carne e feijão. Nós cozinhávamos o feijão à noite. Esta viagem foi um tempo, quase um ano (...) A nossa caravana era composta de cento e poucas pessoas, mas em Goiás elas começaram a separar. Mas foi uma viagem cansativa porque nós atravessamos o Estado de Goiás e os animais que nós vínhamos montando morreram todos, não agüentaram a viagem. Então a gente enfrentou tudo de a pé, passamos naquelas 60 léguas sem gente, até muito perigoso que era, eles pegavam as pessoas naquela época e matavam (...).⁷

Ao rememorar, D. Esmeraldina narra sobre a forma como foi organizada a sua viagem. Passa, em seu relato, a descrever as difíceis condições da viagem e ainda confia as relações que eram estabelecidas nos trechos, o cotidiano do grupo no percurso, a resistência e a luta pela sobrevivência. Do discurso percebe-se a luta que foi travada com o desconhecido; a separação dos grupos familiares; as perdas com as mortes dos animais e os perigos vividos nos trechos desabitados. Mesmo cansativa, a viagem é justificada pela busca de melhores condições de vida para a sua família.

As narrativas trazem elementos que permitem entender o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, e ainda, compreender como se deram as divisões e delimitações dessa organização do mundo social e, neste caso específico, permite captar o sentido mais particular e historicamente mais determinado dessas caravanas bem como a organização nas estradas da esperança. Parafraseando Chartier⁸ em suas considerações sobre os discursos, as representações do mundo social assim construídas e as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros. São essas representações que vão fornecer aos grupos uma organização conceptual no mundo social, construindo, assim, a sua realidade.

Um outro narrador, que viajou em grupo menores, denominados *escoteiros*, é o Sr. Pedro Gomes da Rosa, nascido em 1929, no município de Barreiras -BA, mais especificamente no distrito de Canabrava. Deslocou-se para Mato Grosso em 6 de agosto de 1939, chegando em Poxoréo no dia 10 de agosto de 1940. Assim ele relata sobre a forma de viajar de sua família:

Eu vim com minha avó e com meu pai. Meu pai era quase cego, e ainda uma tia e um tio, mas era uma caravana formada por umas dez pessoas mais ou menos que vinham nos acompanhando. Nós fazíamos parte dos escoteiros, que eram os com grupos menores (...).⁹

A história do Sr. Pedro é concentrada de tensões formadas por um grupo pequeno. Fala o depoente que estes grupos menores viajavam em busca dos mesmos sonhos e com a resolução de encontrar a nova morada.

Homens e mulheres guardiões dessas memórias históricas conduzem às cenas vividas no conjunto das diversas formas de viagem. Imagens que se tornaram presentes num tempo em que viveram/presenciaram o acontecido. Portanto, no decorrer dessas narrativas os fatos e momentos vividos vão fazendo parte de uma construção permanente de sua existência. Rememorar tudo o que aconteceu, mediante o contato com as pessoas, lugares, vozes, músicas, leva esses sujeitos a associarem impressões vivazes, evocando apenas partes significativas do passado vivido.

Dessa forma, a memória cumpre o seu papel, e o ato de recordar dos sujeitos traz de volta o que ficou inscrito. Examinando Halbwachs sobre a arte de lembrar, Ecléa Bosi diz que “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A Memória não é sonho, é trabalho”¹⁰.

As lembranças constituídas nas relações sociais são mantidas nos diversos grupos e também nos espaços sociais da família, do trabalho, do lazer e da religiosidade, ancoradas no vivido, na experiência histórica. Segundo Maurice Halbwachs, só existe memória quando há sentimento de continuidade presente naquele que se lembra. Quando não se constitui em ruptura entre o passado e o presente, a memória retém do passado apenas o que está vivo ou “capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” produzindo-se no presente como representação do passado.

Ao buscar compreender a rememoração desses colonos sobre as diversas formas de viajar, não se pode perder de vista a ponderação de Halbwachs: “Temos freqüentemente repetido: a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com ajuda de dados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifesta-se já bem alterada”¹¹.

Reconstruir as trilhas das memórias de caravanas e escoteiros possibilita uma leitura da história silenciada, esquecida, de mulheres e homens que aceitaram o desafio de recolonizar uma parte do Brasil. São relatos de memória do cotidiano da travessia, dos tempos múltiplos de antes da partida, da chegada, de experiências diversas; de alegrias e tristezas do fazer, de táticas e estratégias de sobrevivência de uma expressiva parcela pobre do país.

Retornando ao relato de Pedro Gomes, percebe-se em sua fala que as praticas na organização das viagens eram estabelecidas através da montagem dos grupos. Pelo olhar dele, os grupos menores, escoteiros, eram muitas vezes compostos apenas de homens solteiros, que se deslocavam a princípio sem as famílias, mas com a resolução em encontrar o lugar sonhado e depois voltarem em busca daqueles que ficaram.

Já D. Carmozina Lima dos Santos narra assim sua experiência na trajetória:

*A minha trajetória foi vir engarranchada nas costas de um burro, e hoje estou aqui. Não sei bem, mas a nossa caravana era a família de meu pai e a família de outro (...) A nossa viagem durou dois meses. A idéia era vir para Poxoréo, nós viemos no rumo, em busca de melhoras (...).*¹²

Este pequeno fragmento relata a forma como a sua trajetória foi entendida. Revela a narradora que, montada em um animal, conseguiu vencer os trechos e, pelo rumo, sua família e amigos chegaram em Poxoréo em busca de melhoras. A saída de sua terra parece significar uma tentativa de romper com aquele mundo de agonia e desalento; registra que, pelo rumo, procuravam ouvir o apelo do destino e a incessante busca pelo fim da estrada. Muitos migrantes percorreram diversos caminhos e descaminhos, perseguindo o sonho que os levaria à terra bem aventurada, e foi assim que muitos homens e mulheres trilharam os caminhos rumo a Poxoréo.

Dessa maneira, o Sr. Geraldo Paulino registra a forma como foi construída, através de vários meses, a sua trajetória:

*A vinda, a trajetória nossa foi pelo convite de um conterrâneo que veio aqui no Mato Grosso primeiramente, o senhor Argemiro Pimentel. (...) Naquela época, vieram 5 famílias, saímos de pau-de-arara, o proprietário do caminhão era o Zé Negrinho, que embarcou todo mundo, as malas e os caixotes. Em São Paulo ficamos quinze dias hospedados na casa de migração de lá. Onde ficamos 6 meses, trabalhando, fazendo derrubada, tirando lenha para vender nas margens da estrada de ferro, seis meses passamos, eram 25 pessoas, família, mulheres, crianças, acampados com a família. l (...) Em Cuiabá ficamos dez dias esperando o carro. Arrumado o carro, daí fomos até Dom Aquino, onde ficamos um ano e meio, de lá fomos para Paraíso do Leste, distrito de Poxoréo. E 15 km antes do Paraíso do Leste não tinha estrada, era de a pé carregando alimentação, crianças tudo nas costas até Paraíso do Leste (...).*¹³

A caravana de Sr. Geraldo Paulino possui um aspecto diferenciado das demais, uma vez que ela se enquadra dentro de uma das políticas governamentais visando a ocupação dos “espaços vazios”¹⁴ implementadas entre os anos trinta a quarenta, tendo entre suas ações a Marcha para o Oeste. É, portanto, nesta fase “Getúlio” que a burocracia estatal articula e oficializa uma estratégia de ação para a interiorização de grandes contingentes populacionais. Na construção da Marcha, segundo Lenharo, “todas a estratégia de propaganda armada sobre o slogan da Marcha para o Oeste visava, entre outros alvos, criar um clima de emoção nacional de modo a que todos os brasileiros se vissem marchando juntos, e, conduzidos por um único chefe, consumassem coletivamente a conquista, sentindo-se diretamente responsáveis por ela”¹⁵.

As expectativas dos grupos estavam vinculadas às imagens do processo migratório inter - regional construído na década de 1930. Conforme já referido, o mito do *sonho de riquezas* criado no lugar social denominado Poxoréo ofereceu a esses grupos migrantes estímulos para mudar. Entre os migrantes que embarcaram nessa viagem prevalecia a imagem de seus locais de origem como sendo lugar de atraso, de pobreza, dos maltratos, tanto pela natureza quanto pela falta de vontade dos governantes.

Ao contrário deste contexto, o Estado de Mato Grosso era visto como o lugar de fartura, onde encontrariam soluções para os problemas de trabalho e de melhora de vida. Era essa imagem de fartura que era representada e propagada por todas as formas de comunicação. As notícias forneciam uma visão do Oeste como espaço de abundantes recursos naturais passíveis de exploração lucrativa e com possibilidades de se construir atividades produtivas, de comércio e outras.

Era esse imaginário sobre a fantástica abundância e as projeções de farturas fácil que impulsionava a corrida para esse espaço. Naquele momento, tais representações eram para construir essa grande nação.

Ao narrarem suas histórias de vida e os seus deslocamentos por Mato Grosso, e ao transitarem por esse universo político, social e cultural brasileiro, à época, os migrantes emitem sinais, experiências de acordo com o imaginário construído e realizado. Esse imaginário é representado para alguns nas informações obtidas nas cartas, nos sonhos, nas riquezas que se encontravam nas águas, chuvas, terras férteis e ricas de diamantes, o que se traduz, em vários olhares e discursos, e eles ainda moldaram as suas formas e meios de deslocamentos. Sob esta ótica, incorporo aqui as proposições de Roger Chartier acerca das representações dos discursos que produzem estratégias e práticas sociais que tendem a impor uma autoridade à custa de outros com o intuito de legitimar um projeto reformador ou justificar para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas¹⁶.

NOTAS

- ¹ O texto é um fragmento da Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal de Mato Grosso/Programa de Pós-Graduação em História do ICHS/UFMT em maio de 2003 com o título: "*Entre Caminhos e Memórias : narrativas e cotidiano de itinerantes rumo a Poxoréo-MT*" (Primeira metade do século XX) sob orientação do Prof. ° Doutor Mário Cezar Silva Leite.
- ² Segundo a memória dos narradores, *caravana* é entendida como um encontro de pessoas que estabelecem relações socializantes em espaço e tempo históricos comuns e cujos integrantes introduzem neste lugar social um comportamento prático, cotidiano, mediante o qual se ajustam ao processo geral do reconhecimento, concedendo uma parte de si mesmo à jurisdição do outro. Nesse sentido, caravana aqui refere-se ao deslocamento de grupos, famílias, pessoas que estavam abertos a ouvir, ler, receber, aceitar informações, histórias, notícias, propagandas de que haveria um outro lugar como um sonho onde todas as carências seriam sanadas.
- ³ Poxoréo, localiza-se no sudoeste do Estado de Mato Grosso, pertencente à mesorregião 130 – à micro - região 537, denominada Tesouro, segundo classificação do IBGE. Seu relevo enquadra-se no planalto dos Alcantilados, que é elevado e escarpado, o Morro da Mesa e as demais formas do relevo estão esculpidos em arenitos da Formação Bauru, em argilitos e arenitos com siltitos da Formação Aquidauana e, nas partes mais baixas, nos folhelhos e siltitos da Formação Ponta Grossa. Já a cobertura vegetal é bastante homogênea, dominando a Savana Arbórea Aberta e a Floresta Estacional Decidual. Tem uma população de 20.030 habitantes, incluindo zona rural e urbana e possui, hoje, uma área de 6.923,3 km². Está localizada a 240 km da cidade de Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso. Recebeu grande quantidade de migrantes de várias localidades brasileiras a partir da Segunda metade do século XX, atraídos pela grande quantidade de terras inexploradas e férteis para a lavoura e mineração (IBGE/2003 e BRASIL/ 1982).
- ⁴ No entendimento dessas pessoas, revoltosos é a designação dada ao movimento revolucionário do Tenentismo (Coluna Prestes).
- ⁵ FALCON, 2000, p. 42.
- ⁶ Conforme Falcon, “representações, etimologicamente provém da forma latina representare - fazer presente” ou “apresentar de novo”. Fazer presente alguém ou alguma coisa ausente, mesmo uma idéia, por intermédio da presença de um objeto (...) Outro sentido mais específico era: “colocar um objeto no lugar do outro”, encenar um acontecimento, “re - apresentado-o” no presente. Ver FALCON, 2000.
- ⁷ Relato de Esmeraldina Sodré de Oliveira.
- ⁸ Ver CHARTIER, 1985.
- ⁹ Relato de Pedro Gomes da Rosa.
- ¹⁰ HALBWACHS, 1990, p. 81.
- ¹¹ *Ibidem*, p. 71.
- ¹² Relato de Carmozina Lima dos Santos.
- ¹³ Relato de Gerado Paulino Alencar.
- ¹⁴ “Espaços vazios” – A ocupação dos espaços ditos vazios significava não simplesmente a ocupação econômica da terra, transformando-a em geradora de riquezas; sua pretendida ocupação seria procedida de maneira especial, a ponto de fixar o homem na terra através de métodos cooperativos, que redimensionassem as relações sociais de acordo com a orientação política vigente. Significava, portanto, para o regime de Vargas, a conquista do oeste, a integração territorial como substrato simbólico da união de todos os brasileiros. E por outro lado, no que diz respeito ao Oeste, também, nessa parte do Estado de Mato Grosso, a imagem da exploração de um território ainda virgem não corresponde à realidade. Se Barra do Garças não passava então de um povoado com uma centena de palhoças, o garimpo, no entanto, há muito encontrava-se socialmente estruturado; de um lado 30 mil garimpeiros, e de outro 30 capangueiros, exploradores do seu trabalho. (LENHARO, 1986, p. 75).
- ¹⁵ *Ibidem*, p. 14.
- ¹⁶ Ver CHARTIER, 1985, p. 17.